



A busca por espaço nas ciências exatas

A nova geração de mulheres que contesta estereótipos

Apesar de os dados afirmarem ainda uma disparidade na quantidade entre mulheres e homens no campo das exatas, elas têm conquistado, cada dia mais, espaço nes-

te meio. Segundo pesquisadoras da área, as novas gerações têm procurado mudar estereótipos cultivados na sociedade, ao seguir profissões antes consideradas pre-

ferencialmente masculinas. As meninas afirmam que o incentivo, desde a infância, faz a diferença na vida acadêmica e profissional. **PÁGINAS 6 E 7**



FERNANDA MAIA

PÁGINA 3

Do combate às brincadeiras

Minotauro, Robô da RioBotz/PUC-Rio, ganha linha de brinquedos



DIVULGAÇÃO

O combate ao abuso de agrotóxicos é uma das medidas para preservar as 3 mil espécies nativas do Brasil

A figura do migrante em Luiz Gonzaga

Baseada na vida do compositor Luiz Gonzaga, a dissertação do historiador Ruberval José da Silva aborda a questão do migrante nordestino. Nesse trabalho, as referências presentes na trajetória de Gonzagão são analisadas do ponto de vista da identidade e da memória. O pesquisador estudou ainda como o músico apresenta o viajante e o sertão nordestino nas composições. **PÁGINA 5**

Educação para reduzir desigualdade

Com o objetivo de diminuir as fronteiras sociais e trazer uma nova visão à educação escolar, a iniciativa chamada de 2VI's reúne alunos da rede pública e privada de Ensino Médio. Divididos em subgrupos por área, os jovens, na faixa etária entre 15 e 20 anos, têm de identificar problemas no bairro e planejar uma solução para essas questões. O projeto foi criado por duas estudantes do curso de Relações Internacionais da PUC-Rio. **PÁGINA 4**

Queda em cadastros de medula óssea

PÁGINA 9

REITOR

Em seu artigo, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., cita dois seminários internacionais que foram organizados na Universidade. Segundo ele, são dois bons exemplos de como a vida acadêmica tem a missão de promover o debate de questões vividas pelas sociedade. **PÁGINA 2**

Sem abelhas, sem comida na mesa

As abelhas estão em risco de extinção. Esse fato, desconhecido pela população, pode trazer consequências trágicas para o estilo de vida humano. Especialistas alertam para os perigos do uso de agrotóxicos e de fungicidas, do desmatamento e de outras ações do homem, que provocam desaparecimento. **PÁGINA 10**

REITOR

Seminários internacionais e cenários desafiantes

No mês de setembro tivemos na PUC-Rio dois seminários internacionais, um organizado pelo Decanato do CTCH, e outro pelo Departamento de Ciências Sociais, com apoio do Decanato do CCS. Embora com temáticas distintas, ambos discutiram questões relacionadas com a sociedade e a Universidade, mostrando que a vida acadêmica tem como missão debater e propor soluções inteligentes e profundas para os problemas vividos no dia a dia da sociedade.

No seminário do CTCH, cuja temática versou sobre o mapeamento das dinâmicas das humanidades no Brasil, vejo isso como extremamente relevante para uma Universidade Católica, pois as Ciências Humanas têm um lugar central no processo de humanização. O contexto em que vivemos, onde alguns valores e princípios éticos estão sendo banalizados, esvaziando a dimensão plural da liberdade humana, e acentuando o individualismo que leva o ser humano a assumir posturas insensíveis diante os dramas da sociedade, é fundamental que as ciências que lidam mais diretamente com as questões humanas assumam maior protagonismo. A des-

substanciação do ser humano tem sérias consequências na relação da pessoa consigo mesma, com a sociedade e com a dimensão transcendente da existência. Este mapeamento permitirá não apenas reforçar o papel das ciências humanas nas Universidades, mas também incentivar os laços acadêmicos das humanidades com outras Instituições de ensino, procurando aprofundar em temáticas relacionadas com o processo de humanização.

No seminário das Ciências Sociais do CCS, as questões relacionadas com a diversidade e a desigualdade foram abordadas como desafios, que hoje são vividos na Universidade e na sociedade. Embora complexas, estas temáticas devem ser debatidas e discutidas, pois existem avanços que ajudam a amadurecer a democracia nas diversas formas de conquistas da sociedade, como também o perigo de retrocessos nas políticas públicas, refletindo nos indicadores que medem a desigualdade no país. Mesmo vivendo em tempos difíceis, não podemos deixar de refletir, aprofundar e buscar soluções inteligentes para os impasses e contradições que compartilhamos no cotidiano de nos-

sas cidades. A Universidade é o espaço para estas discussões abertas, pois não podemos ignorar os problemas da diversidade na sociedade nacional e internacional, e nem tão pouco deixarmos de nos indignar com a chaga da desigualdade que nos entristece. Na Encíclica *Laudato Si'* o Papa Francisco nos alerta para o perigo da cultura da indiferença e do descarte social e ambiental, pois nela encontramos o desrespeito pela diversidade, o aumento da desigualdade, e o esvaziamento dos valores e direitos mais fundamentais do ser humano e as suas múltiplas relações antropológicas, teológicas e ecológicas.

Peço a Deus que as reflexões destes dois seminários internacionais possam nos ajudar no aprofundamento destas questões tão candentes em nossa sociedade, sobretudo num país como o nosso, que experimenta dia a dia sucessivas crises e turbulências. Temos a esperança que estas crises possam nos ajudar a superar os contrastes e as contradições, abrindo-nos para perspectivas futuras mais promissoras.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Além da formação acadêmica

Todos reconhecem que a formação acadêmica que a PUC-Rio dá aos seus alunos é de excelente qualidade. Quando digo “além da formação acadêmica” não me refiro apenas à necessidade de uma formação ética e moral que uma Universidade como a PUC deveria também transmitir aos seus alunos, dada a sua inspiração cristã e católica: valores e princípios tão necessários no mundo e no Brasil dos nossos dias.

Hoje o mundo empresarial também precisa de atitudes e comportamentos que nem a formação puramente acadêmica, nem a formação

ética e moral necessariamente transmitem. O empreendedor precisa de colaboradores que, além de um excelente curriculum acadêmico, além de uma sólida formação ética e moral, tenham, não apenas atitudes “empreendedoras”, mas também outras qualidades humanas, como certa resiliência e capacidade para dialogar, isto é, a capacidade para apreciar e lidar com o diferente. Os responsáveis pelos RH de empresas acostumam dizer que contratam pela qualidade do curriculum, mas demitem pela falta de um comportamento adequado às

necessidades da empresa.

Nem todos nascemos com todas essas qualidades. Porém, são qualidades e atitudes que também podemos aprender. Acredito, a esse respeito, que um maior diálogo entre os nossos antigos alunos que hoje dirigem empresas, ou são responsáveis pelo recrutamento e formação dos seus recursos humanos, e a nossa Universidade e os seus professores, poderia contribuir para enriquecer a formação que damos aos nossos estudantes.

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR DA PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Memórias do mundo do trabalho

Um galo sozinho não tece uma manhã

ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA



Assembleia de professores em auditório do prédio da Química. Boletim da ADPUC, ano III, num. 6, maio/junho de 1979

A primeira publicação da Associação de Docentes da PUC-Rio, em 1977, tinha como título “Peço a palavra”. A abertura política no país era “lenta, gradual e segura”, e a sociedade demandava que fosse “ampla e irrestrita”. O tema de fundo nos artigos do Boletim era “ciência e democracia” e a luta contra a censura. A ADPUC fora criada como um meio de posicionamento dos professores em relação ao momento político do país, ao movimento discente e a pautas relacionadas. A partir de 1978, o Boletim adotou o lema “Um galo sozinho não tece uma manhã”, verso de um poema de João Cabral de Melo Neto, que sugeria a importância da participação docente no âmbito interno e na conexão entre as diversas associações docentes regionais e nacional que se formavam.

Entre 1980 e 1981, a PUC-Rio viveu momentos de tensão entre a administração central, professores e alunos. Nesse contexto de mobilização por canais de participação na sociedade e de reivindicações salariais e de melhoria das condições de trabalho na Universidade, ganhou ênfase a questão da democratização da gestão universitária. Estavam presentes nas discussões a regulamentação da

carreira docente e a reorganização e fortalecimento dos órgãos colegiados, como o Conselho Departamental e as Comissões Gerais.

O processo foi difícil mas houve avanços com a reconfiguração das esferas decisórias e de gestão acadêmica e administrativa em um modelo que sublinhava o papel dos colegiados com representação docente, discente e de funcionários. Essas conquistas tornaram-se um dos pilares do chamado “modelo PUC”, também marcado pela relação orgânica entre ensino e pesquisa e entre a graduação e pós-graduação.

Depois de 1981, a questão salarial suplantou outras discussões. Em 1993, não houve a renovação da direção da ADPUC. Vivemos hoje um momento em que as conquistas dos anos 1980 estão incorporadas, mas novas questões se apresentam. Talvez seja a hora de tecer formas de mobilização, de discussão e de trocas entre os que trabalhamos na PUC-Rio para que a ciência e as universidades brasileiras mantenham-se como um espaço vivo de exercício da cidadania.

■ CLÓVIS GORGÔNIO E RODRIGO LAURIANO SOARES
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. **Coordenador-Geral**: Prof. Miguel Pereira. **JORNAL DA PUC** - **Jornalista Responsável e Editora**: Prof^a. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora**: Prof^a. Adriana Ferreira. **Chefe de Reportagem**: Prof^a. Rocélia Santos. **Editores de Arte**: Prof^a. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial**: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. **Anúncios produzidos pela Agência.Com**. **Coordenadora-Administrativa**: Rita Luquini. **Redação e Administração**: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone**: 3527-1140. **E-mail**: jornaldapuc@puc-rio.br. **Impressão**: gráfica Folha Dirigida.

LUCAS FRANÇA

O robô de combate Minotauro, da RioBotz/PUC-Rio, se tornou o novo brinquedo da empresa americana Hexbug Micro Robotic Creatures. Ele chegou ao mercado dos Estados Unidos com duas opções de compra. A mais popular é a caixa BattleBots Rivals, com o Minotauro e o Beta, outro robô de combate, ambos em miniatura. Os brinquedos se movem com controle remoto, funcionam à pilha e simulam as lutas. Cada um tem três peças presas por ímãs que, ao serem atingidas, se desprendem do brinquedo e permitem que a parte interna do minirobô, com os fios e placas, seja vista. O vencedor da brincadeira é aquele que retirar as três peças primeiro do oponente.

A outra versão do Minotauro de brinquedo é da linha VEX, também da Hexbug e concorrente da LegoTech. Essa linha é dedicada a ensinar para as crianças e consumidores sobre a montagem dos robôs. O kit vem com peças mecânicas, engrenagens, rodas, correntes,

“
Todos querem
esses kits,
tanto a
miniatura
quanto o
montável
”

Marco Antonio Meggiolaro

marchas e o tambor giratório, arma principal do Minotauro, que no robô original faz 10 mil rotações por minuto. Ele se move manualmente para todas as direções, e a arma roda sempre para frente, como o Minotauro de 113 quilos. Os preços de cada brinquedo variam pouco. O controlável custa U\$ 49,99, e a versão montável e sem motores, U\$ 39,99.

Para o coordenador da RioBotz, professor Marco Antonio Meggiolaro, do Departamento de Engenharia Mecânica, o interesse por uma versão de brinquedo do Minotauro surgiu após a RioBotz conquistar o terceiro lugar na última BattleBots e o título popular de robô “mais destruidor” da competição, entre os 56 participantes. Após a

Tecnologia: Primeiro lote da versão a pilha do Minotauro está entre os mais vendidos nos EUA

Diversão para criança e adulto

Robô brasileiro conquistou o público da BattleBots 2016

FERNANDA MAIA



Professor do Departamento de Engenharia e coordenador da RioBotz/PUC-Rio, Marco Antonio Meggiolaro ao lado dos brinquedos do Minotauro

exibição do programa, vídeos das lutas de Minotauro circularam pela internet, o que também colaborou para que o robô chamasse atenção da Hexbug.

– Cada vitória aconteceu de uma maneira diferente. Até a luta que perdemos foi emocionante. Os vídeos nos ajudaram muito também. Nos canais oficiais da ABC, as imagens chegam a três milhões de visualizações, mas eu já vi cópia não oficial com mais de 50 milhões.

Meggiolaro também ressalta o carisma da equipe. O fato de a RioBotz, composta por estudantes universitários, enfrentar equipes com engenheiros experientes e fortemente patrocinadas foi algo que fez o público torcer pelos brasileiros.

– Na BattleBots, a edição

do programa colaborou ao nos mostrar como competidores ajudavam os outros, além de muito empolgados. O diretor do programa elogiou o entusiasmo do nosso piloto, por exemplo. Muitos competidores eram atenciosos conosco, estavam dispostos a auxiliar todo mundo e apareciam como vilões temidos, o que não deixa de ser um sinal de qualidade dos nossos oponentes – conta o professor.

O processo para que o Minotauro se tornasse um brinquedo envolveu quatro frentes: o BattleBots, programa de combates de robôs; a ABC, contratante do programa e detentora dos direitos de imagem do Minotauro; a Hexbug e a RioBotz, que cedeu o projeto do robô para a empresa de

brinquedos. O lucro da venda dos brinquedos é dividido entre a ABC, o Battlebots e a RioBotz. O dinheiro que a equipe recebe é utilizado para a compra de peças reservas, melhorias e manutenção do robô, pois, segundo Meggiolaro, o valor que chega à equipe brasileira não dá para construir um outro Minotauro. Ele relata, por exemplo, que para o tambor giratório do robô brasileiro funcionar, são necessários dois motores de U\$ 1 mil cada. O Minotauro tem mais de cem peças e, em algumas lutas, precisa de reparos entre os rounds.

Meggiolaro afirma que não recebeu informações de quantos brinquedos já foram vendidos, mas sabe que o primeiro lote da miniatura radiocontro-

lável já esgotou e que o BattleBots Rivals está na lista dos mais vendidos da Hexbug nos Estados Unidos. As versões ainda não estão disponíveis para venda no Brasil, mas o professor acredita que a popularidade do Minotauro, no futuro, chegue ao mercado nacional, mesmo sem saber como a Hexbug fará para comercializá-lo.

– A Battlebots e o Minotauro ficaram muito famosos aqui no Brasil, apesar do programa ser exibido em um canal da TV a cabo, o Discovery Turbo. Todo mundo que eu conheço viu algum vídeo das lutas, mesmo não sabendo do que se tratava. As competições de robótica estão crescendo novamente. Todos querem esses kits, tanto a miniatura como o montável.

Educação: Iniciativa propõe interligar alunos do Ensino Médio de realidades sociais diferentes

Comprometidos com o bem social

Projeto usa conhecimento escolar a favor da comunidade

DIVULGAÇÃO



Estudantes da rede pública e particular se unem em grupos com objetivo de buscar soluções para problemas de diferentes domínios da Gávea

MARCELO ANTONIO FERREIRA

As estudantes Gabriella Castro e Júlia Borges se conheceram perto da etapa final do curso de Relações Internacionais, e, ao perceberem que tinham em comum o interesse pelo segmento da educação e a vontade de criar um projeto social, uniram forças. Em setembro, elas deram início a uma iniciativa idealizada e estruturada por elas, a 2VI's (Visão e Visibilidade). A proposta é diminuir as fronteiras sociais entre um grupo de alunos do Ensino Médio da rede pública e privada. Eles terão que transformar o conteúdo escolar em prática e aplicar para a solução de um problema na Gávea.

Os adolescentes são do CIEP Ayrton Senna, Escola Estadual André Maurois e da Escola Parque. Serão 30 jovens do 1º e 2º ano do Ensino Médio entre 15 a 20 anos, divididos

em cinco subgrupos, e cada um representará uma área, entre elas: direitos humanos, meio ambiente, saúde, cultura e educação. Cada subgrupo terá que identificar um problema na Gávea, correspondente ao tema, e propor uma solução viável para uma banca. Os cinco terão um mentor, que são universitários voluntariados.

As aulas vão abordar um método disruptivo de ensino: as dinâmicas não incluirão a figura hierárquica do professor. Os mentores apenas vão incentivar e conduzir a troca entre os participantes. Segundo Júlia, o essencial é converter o aprendizado escolar em algo em prol da comunidade.

– A meta é fazer com pessoas locais, pois elas estão inseridas na localidade e saberão identificar os reais problemas. É também mostrar para os jovens que eles são capazes de fazer algo concreto para mudar

a realidade. E isso se conectará à educação ao mostrar que o aprendizado escolar pode ser colocado em prática.

A abordagem tem a finalidade de estimular a interação entre jovens de bairros próximos, mas também de realidades socioeconômicas distantes. Gabriella defende a ideia de que o contato entre eles é a principal ferramenta na redução do contraste entre grupos.

– O objetivo principal é querer diminuir a desigualdade social brasileira. E acreditamos que a forma disso ocorrer é pela educação. Dentro do segmento educacional, o que mais influencia é a criação de maior empatia entre as pessoas, e fazer acontecer a conexão entre alunos de diferentes realidades e cultura.

Esta é uma edição piloto do projeto que, para sair do papel, recebeu, além de um investimento das criadoras, uma ver-

cionais, o que se vê é que muitas pessoas com embasamento teórico chegam aos locais e ditam o que acreditam ser o melhor. E não fazem uma pesquisa com a população local ou os questionam sobre o que realmente é necessário. E isso faz com que muitos projetos não deem certo.

A professora Luiza Martins, supervisora do Domínio Adicional de Empreendedorismo, foi uma das profissionais presentes na concepção do projeto. Ela explica que diversos setores da PUC fornecem auxílio para a proposta. O setor de Empreendedorismo, por exemplo, guiou a parte administrativa e financeira.

– Esse projeto desenvolve algumas habilidades e capacidades individuais se os alunos estiverem abertos a isso. As atividades, da forma que elas estão propondo, facilita esse desenvolvimento. Quando se pensa em estruturar um projeto que dá sentido ao que o aluno aprende na escola, chama a atenção. E elas já saem muito na frente pela relevância do que estão fazendo.

O empenho dos participantes é imprescindível, afirma Luiza. Para a proposta se fortalecer os estudantes devem se manter estimulados a continuar no projeto. Assim, ele consegue se manter no mercado.

– O resultado depende do engajamento dos alunos, e este é o desafio delas. O adolescente tem uma ideia de que tudo que a escola oferece é obrigatório e, consequentemente, chato. As escolas deram muito apoio e esse suporte não tem preço.

A diretora adjunta e professora de língua portuguesa da Escola Municipal André Maurois, Patrícia Soares, conta que antes do 2VI's ser aceito, houve um processo triagem para se certificar que o acréscimo seria positivo. Para ela, a integração é essencial para que esses grupos possam encontrar semelhanças que são comuns à idade.

– É importante que todos conheçam a realidade do outro. Muitas vezes se pensa no estereótipo do aluno da escola particular e escola pública. Existem questões que são próprias da faixa etária deles, independente da realidade social. E questões que são, exclusivamente, da realidade social, podem ser trazidas para discussão. Se essa juventude perceber que eles juntos vão formar e ditar as regras do futuro, eles conseguirão formar uma sociedade mais igualitária.

“Mostrar para os jovens que eles são capazes de fazer algo concreto”

Júlia Borges

ba arrecadada via crowdfunding e uma série de suporte voluntário de apoiadores. Em breve, elas pretendem lançar o 2VI's como um projeto autossustentável, com uma maior abrangência de escolas e participantes. As meninas buscam como diferencial a inserção da prática na teoria.

– Dentro de relações interna-

Mestrado: Trajetória e obra de Luiz Gonzaga contribuem para a construção da identidade do migrante na capital carioca

Retrato do Nordeste nos acordes do baião

ANA VITORIA BARROS

A figura de Luiz Gonzaga foi inspiração para a dissertação *Vida de Viajante: Uma análise da obra musical do compositor e intérprete Luiz Gonzaga na cidade do Rio de Janeiro (1940-1970)* do historiador Ruberval José da Silva. Mestre em História pela PUC-Rio, ele retrata a trajetória do Rei do Baião e como a música interferiu na formação da identidade do artista e de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro.

A dissertação de Ruberval apresenta o período em que o compositor esteve no Rio de Janeiro. Luiz “Lua” Gonzaga gravou 200 discos e vendeu mais de 30 milhões de cópias. O pesquisador narra a trajetória do Rei do Baião até chegar à capital, como um personagem na história da migração interna. Segundo Ruberval, o recorte temporal, de 1940 a 1970, retrata a permanência do músico na cidade e a criação, produção e divulgação do gênero baião.

– As referências do baião que Gonzaga apresentou no Rio vieram das musicalidades do Nordeste. Mas foi aqui, a partir da percepção dos diferentes gêneros que tinham na cidade do Rio de Janeiro, como o samba e o bolero, que Gonzaga foi influenciado nesse inventar do baião. O próprio Luiz foi construindo sua identidade nessas viagens.

Luiz Gonzaga é uma figura presente no imaginário de muitos nordestinos. A vida de migrante do músico traduz a trajetória de muitas pessoas que saem do Nordeste em busca de melhores condições de vida. Para Ruberval, Gonzaga é o personagem que melhor representa o tema exposto no trabalho.

– Eu optei pelo Luiz Gonzaga mais por uma questão de afinidade e de prática de pesquisa. Ele diz mais da relação que tenho com a migração. Tentei conciliar isso analisando o Luiz, a trajetória dele e a criação e circulação do Baião na

Dissertação aborda a permanência do compositor no Rio

BEATRIZ MEIRELES



“É necessário ultrapassar a barreira do estereótipo para ver o valor do lugar”

Juçara da Silva Barbosa de Mello

cidade do Rio de Janeiro.

O historiador também explora um pouco dos anos 1980 ao analisar canções emblemáticas para pensar o Nordeste, como *A Vida do Viajante*. Com o objetivo de trabalhar o con-

ceito de sertão e migrante na obra de Gonzaga, Ruberval estuda como a vida e a música do compositor também contribuíram no processo de construção da ideia de Nordeste.

No primeiro momento da pesquisa, ele analisa a trajetória do músico, a criação e a recepção do baião na imprensa do Rio, e destaca alguns aspectos do ponto de vista da identidade e da memória. Já na segunda parte, Ruberval mostra como Gonzaga se auto representa nas obras e se concentra na questão do migrante e do sertão.

– Não tinha como desvencilhar a obra do autor ou do seu público, então optei por dividir a dissertação. Eu sustento a ideia de que o Luiz Gonzaga foi um dos “inventores” de uma imagem do Nordeste associada ao sertão, mas que ele demonstra que também existe uma di-

versidade ali. Ele fala dos sertões enquanto lugares íntimos a cada um, com particularidades para cada nordestino.

Na pesquisa, Ruberval teve que transitar em áreas como a Antropologia, Linguística e História da Música. Para o pesquisador, o caso de Luiz Gonzaga não é uma narrativa clássica, em que o migrante vai para os grandes centros, mas sempre quer voltar. O historiador quis demonstrar como a trajetória de um viajante, seja ele artista ou não, pode influenciar na construção de uma identidade.

Ruberval veio da Paraíba para o Rio de Janeiro aos 18 anos para trabalhar, como a maioria dos migrantes do Nordeste, mas com o objetivo de conciliar com os estudos. Para a orientadora da dissertação, professora Juçara da Silva Barbosa de Mello, do Departamen-

to de História, o fato de o orientando ter vivido a experiência da migração foi o grande diferencial desse trabalho.

– Como migrante, o Ruberval trouxe questões da vida dele para pesquisar aqui na academia. É um pesquisador que viveu aquela experiência e agora se distancia do objeto para fazer a reflexão acadêmica a respeito desse assunto.

Para Juçara, é importante reconhecer a atuação da comunidade nordestina nas relações sociais no Rio de Janeiro. Nesse sentido, a pesquisa contribuiu para romper com as hierarquias regionais no país.

– Todos os cantos do Brasil são igualmente importantes. É necessário ultrapassar a barreira do estereótipo para conhecer o valor de cada lugar. Nós precisamos acabar com essa ideia de centralidade e marginalidade.

Agora é que são elas

Mulheres buscam maior participação no mundo das ciências exatas

Branca Vianna fez parte da mesa-redonda sobre diversidade na matemática na IMO 2017



BRUNO DE LIMA/R2

JULIA CARVALHO E LETHICIA AMÂNCIO

O número de mulheres em carreiras que, até pouco tempo, eram predominantemente masculinas, tem crescido nos últimos anos. Cada vez mais, elas têm conquistado espaço e buscado se inserir em áreas como engenharia, matemática e química, historicamente ocupadas por homens e, até mesmo, pontuadas como “coisas de meninos”. Mas os números ainda mostram a pouca presença feminina nesses campos. Na Olimpíada Internacional de Matemática (IMO), realizada este ano no Rio de Janeiro,

do total de 623 inscritos, apenas 65 eram meninas. Em 2016, houve o recorde de competidoras inscritas na IMO, com 71 meninas em um total de 602 competidores.

Na PUC, entre os 303 professores do Centro Técnico Científico (CTC), apenas 71 são mulheres, o que corresponde a 23% do quadro docente. O corpo discente segue a porcentagem. Dos 4.400 alunos do CTC, 1.012 são meninas. Diretora do Departamento de Engenharia Elétrica, Marley Velasco é a única mulher do grupo de docentes. Para ela, a pouca presença feminina nas

engenharias, por exemplo, é um problema histórico. Marley afirma que a sociedade incutiu na cabeça das mulheres que elas têm um perfil mais social, não um “bruto” para as engenharias, por isso a mulher se sente mais cobrada.

– Para a mulher ganhar igual ao homem, ela precisa ser melhor do que ele, e isso é frustrante porque ninguém é melhor em tudo sempre.

Para a professora Branca Vianna, do curso de Formação de Interpretes da Coordenação Central de Extensão (CCE), a sociedade impõe um perfil emotivo e cuidadoso para as

meninas desde cedo e cria um falso mito que a racionalidade é coisa de homem. Branca, que é uma das fundadoras do Serrapilheira, organização privada que investe em pesquisas científicas, afirma ainda já ter visto casos de meninas que têm inclinação para as exatas e que sofreram preconceito ou foram excluídas.

– É difícil ser a única mulher. Estigmas de que matemática é coisa de menina feia ou que não tem namorado, para uma criança de 12 anos, é complicado superar.

Criado para incentivar a participação de meninas nas Olimpíadas de Matemática, o prêmio IMPA Meninas Olímpicas 2017 foi dado pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) para a melhor competidora da IMO de cada continente. A colombiana Carolina Ortega, uma das vencedoras do prêmio e aluna do Massachusetts Institute of Technology (MIT), reconhece que o número de mulheres em competições é pequeno e desproporcional. Ela acredita que é um processo lento, mas tem esperanças de que, no futuro, mais mulheres participem das competições.

Branca relata que, no início da graduação, o número de mulheres em áreas exatas é mais equilibrado, porém, conforme elas vão avançando na vida acadêmica, os dados diminuem. Para a professora, a maternidade e os casos de assédio sexual, são algumas justificativas relatadas para a desistência de grande parte das cientistas que pretendiam seguir carreira após a graduação ou oportunidades internacionais.

– É muito importante para o pesquisador ter uma experiência internacional, porém, a mobilidade das mulheres é menor do que a dos homens. Elas, geralmente, fazem doutorado e mestrado no país de origem. O caso se dá, na maioria das vezes, por questões familiares ou afetivas. Algumas mulheres, ao receber uma bolsa de doutorado fora do país, declinam da chance porque o companheiro não aceita a situação – explica Branca.

A aluna de 4º período de Engenharia Mecânica

Giovanna Tassinari relata que estar em um ambiente predominantemente masculino é muitas vezes intimidador. Ela afirma que piadas infantis ainda ocorrem com muita frequência, e que isso pode desestimular.

– Agora está cada vez melhor, mas ainda ocorre. As pessoas agem de uma maneira muito sutil, e às vezes elas não percebem ou acham que é coisa da nossa cabeça. É estranho estar em uma sala de 40 alunos onde apenas duas são mulheres. Por outro lado, você se sente mais fortalecida. Eu sou tão capaz quanto eles. Fico muito feliz de falar que faço engenharia mecânica.

“
Vim de uma família na qual as mulheres podiam ser independentes
”

Gisele Birman

nica, que posso ser melhor que todos eles. É um empoderamento feminino que eu adoro e acho necessário.

Já para Larissa de Paiva, aluna de 5º período de Engenharia Elétrica, a recepção das mulheres no mundo das exatas não é mais intimidadora. Na equipe de AeroDesing da PUC, onde é capitã, Larissa conta que a relação com os outros participantes, a maioria homens, é respeitosa e igualitária.

– Nunca senti nenhuma discriminação. Quando eu entrei no AeroDesign tinham

duas mulheres, hoje já somos quatro. Meus professores são bem divididos também, tem várias mulheres na graduação. Nunca sofri resistência para conseguir ser capitã. Pelo contrário, as pessoas queriam que eu me tornasse.

Professora do Departamento de Química e gerente da Central Analítica da Universidade, Gisele Birman trabalha na área de Ciências desde 1989. Ela conta que, nos locais em que já trabalhou, sempre teve uma presença expressiva de mulheres, algo que ela não considera comum na área de engenharia. Gisele afirma nunca ter sofrido algum tipo de preconceito e que sempre teve apoio da família para seguir na carreira.

– Vim de uma família na qual as mulheres podiam ser independentes. Chamo isso de autoridade interna. Eu achava que aquele lugar na Ciência era meu, com muita propriedade, saber e estudo. Cada lugar que alcancei foi independente do gênero, foi por competência própria.

Gisele se considera uma “in-

centivadora” das mulheres na Universidade. Segundo ela, o número de meninos que ingressam nos cursos de engenharia, por exemplo, ainda é maior que o de meninas. De acordo com a professora, as alunas têm buscado mais as engenharias novas, como a de Produção ou Ambiental, enquanto as turmas de engenharias tradicionais são de maioria masculina.



As melhores competidoras de cada continente ganharam o prêmio IMPA Mulheres Olímpicas na IMO 2017

– O que percebo, na disciplina de Química Geral, em que os alunos são calouros, é a hegemonia de homens. Eu tenho uma turma só com duas meninas. Acho que as mulheres não optam por profissões que, ainda na nossa sociedade, são de maioria masculinas. São poucas as que escolhem.

Para reverter esse quadro, Gisele acredita que o apoio das professoras é importante. Ela tenta passar para as alunas a ideia de que trabalhar na área de exatas é viável, o que quebra o tabu de que a mulher não pode estar nos laboratórios ou nas engenharias.

–Eu incentivo as alunas e mostro que esse mundo precisa ser experimentado para que ele não continue inalcançável, imutável.

Coordenadora do Serviço de Orientação Profissional do Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico (NOAP), professora Elisa Almeida, do Departamento de Educação, acredita que com a luta da mulher, essas questões de estereótipo têm mudado, mesmo que devagar. Elisa cita que, por muito tempo, foi propagada a imagem do homem como o provedor e da mulher apenas como a cuidadora, que sempre fica em casa, responsável por cuidar do lar, dos filhos, da família e dos idosos.

– Em aula, me perguntaram sobre essa questão. Não existe nada científico que prove, é cultural. Essa é a forma como a sociedade separa os gêneros. Por isso, se acredita que o homem é forte, tem pensamento lógico racional, e que a mulher não tem pensamento lógico e gosta de falar muito. Por essa razão, essa dicotomia cultural estimula, desde cedo, que as meninas busquem outras áreas fora das exatas – explica Elisa.

“
Para a mulher
ganhar igual
ao homem,
ela precisa ser
melhor
”

Marley Velasco

O apoio da família e de professores é fundamental para uma maior participação das mulheres na área



Esporte: Líderes de torcida são responsáveis por manter a animação do público universitário antes das competições

Dança e torcida nas alturas

Combinação de ginástica artística e acrobacia vira modalidade esportiva

THAYS VIANA

O que para alguns é apenas uma forma de animar a torcida com músicas soletradas, gritos de guerra, meninas bonitas e pompons coloridos, para o Comitê Olímpico Internacional (COI) já é oficialmente um esporte. A União Internacional de Cheerleaders (ICU) passará a fazer parte do grupo de federações de esportes que são reconhecidas pela principal entidade olímpica do mundo. Isso não faz do cheerleader (líder de torcida em português) um esporte olímpico, mas pode ser o primeiro passo para que isso ocorra nos próximos anos. No Brasil, ele é regulado pela União Brasileira de Cheerleading. A ICU foi fundada em 2004 e tem 4,5 milhões de associados em mais de cem países. O Campeonato Mundial do ano passado, por exemplo, reuniu mais de 16 mil participantes.

O cheerleading é uma mistura de acrobacias e ginástica artística, com um apelo estético, com uma música específica que demarca a coreografia. Ele requer um intenso preparo físico

“
Não existe
um perfil,
um biotipo
específico para
fazer parte de
uma equipe”

Marcio Tavares

sico e um treinamento acompanhado por um profissional especializado na área.

Os filmes americanos associam o esporte ao gênero feminino, porém, ele é também praticado por homens, que são fundamentais nas acrobacias que requerem força e segurança, principalmente. Já existem várias competições pelo Brasil e, apesar de as regras e de os có-



FERNANDO RAPOSO

Time Cheer Golden Squad, composto por estudantes da Atlética de Artes e Comunicação Social da PUC-Rio



JP ARAÚJO

No ar, a posição chamada de 'flyer' (voador) do time, que se lança para os bases laterais e bases traseiras

digos de pontuação não serem tão conhecidos pelo público em geral, é um esporte que cresce com frequência no país.

Um fator que contribui para esse avanço é o apoio das universidades ao esporte. O biomédico Marcio Tavares, de 32 anos, trabalha como técnico de cheerleading há oito anos. Ele é treinador do time de Engenharia e de Comunicação Social/

Artes & Design da PUC-Rio. Além dessas duas equipes, é treinador de três equipes fora da Universidade. Ele já praticou o esporte na Austrália, Canadá, Inglaterra e Estados Unidos e conta que absorveu a melhor técnica de cada país para aplicar em um formato aqui no Brasil.

– O cheerleading me conquistou justamente porque não

existe um perfil, um biotipo específico para fazer parte de uma equipe. Você consegue achar uma função para cada pessoa.

As posições são definidas de acordo com a aptidão e as características de cada um. As bases laterais precisam ser compostas por pessoas fortes, mas a altura não interfere tanto enquanto as bases traseiras também precisam ter força e,

além disso, devem ser pessoas altas. Já para a posição chamada de 'flyer' (voador) é necessário ser alguém leve e, de preferência, flexível. A segurança é um requisito relevante, pois o cheerleading, segundo Márcio, é um dos esportes mais perigosos pelo fato de os atletas serem lançados de forma repetida a alturas extremas e sem nenhum tipo de proteção diretamente no corpo.

A dança não é o mais importante dessa modalidade. De acordo com Tavares, além dos movimentos acrobáticos, o esporte reúne fatores como autoconfiança, trabalho em equipe, concentração e exige determinação para executar as manobras. Segundo ele, poucos esportes trabalham de maneira tão completa e intensa em relação ao corpo e à mente do atleta como é feito no cheerleading. Estudante de Design da PUC, Letícia Figueiredo, de 19 anos, é flyer no time Cheer Golden Squad, equipe de cheerleading dos cursos de Artes&Design, Arquitetura e Comunicação Social. Ela diz que já perdeu as contas de quantas lesões sofreu durante os treinos e competições, mas que faz parte da rotina do esporte.

– Competimos em maio de 2017 e ficamos em segundo lugar por muito pouco. Foi a competição que mais nos superamos. Eu sou cheer profissionalmente há dois anos, mas já pratico há cerca de dez de forma amadora.

Os times acompanham as atléticas de cada curso específico como forma de animar os participantes nas competições anuais. As equipes de cheer elaboram coreografias e músicas para os jogos em parceria com a bateria de música do curso. Estudante de Comunicação Social, Dilan Kayne, de 20 anos, não esconde a paixão pelo esporte e afirma que entra em desespero se por algum motivo não participar do treino.

– As minhas experiências em competições são muito boas. É uma motivação, de ver que a gente pode melhorar e se empenhar cada vez mais em relação às outras equipes.

Saúde: A crise econômica é um dos fatores responsáveis pela diminuição nos números de doadores no Estado este ano

Declínio na doação de medula

Redome registra queda de mais da metade de novos cadastrados no Rio

LETHICIA AMÂNCIO

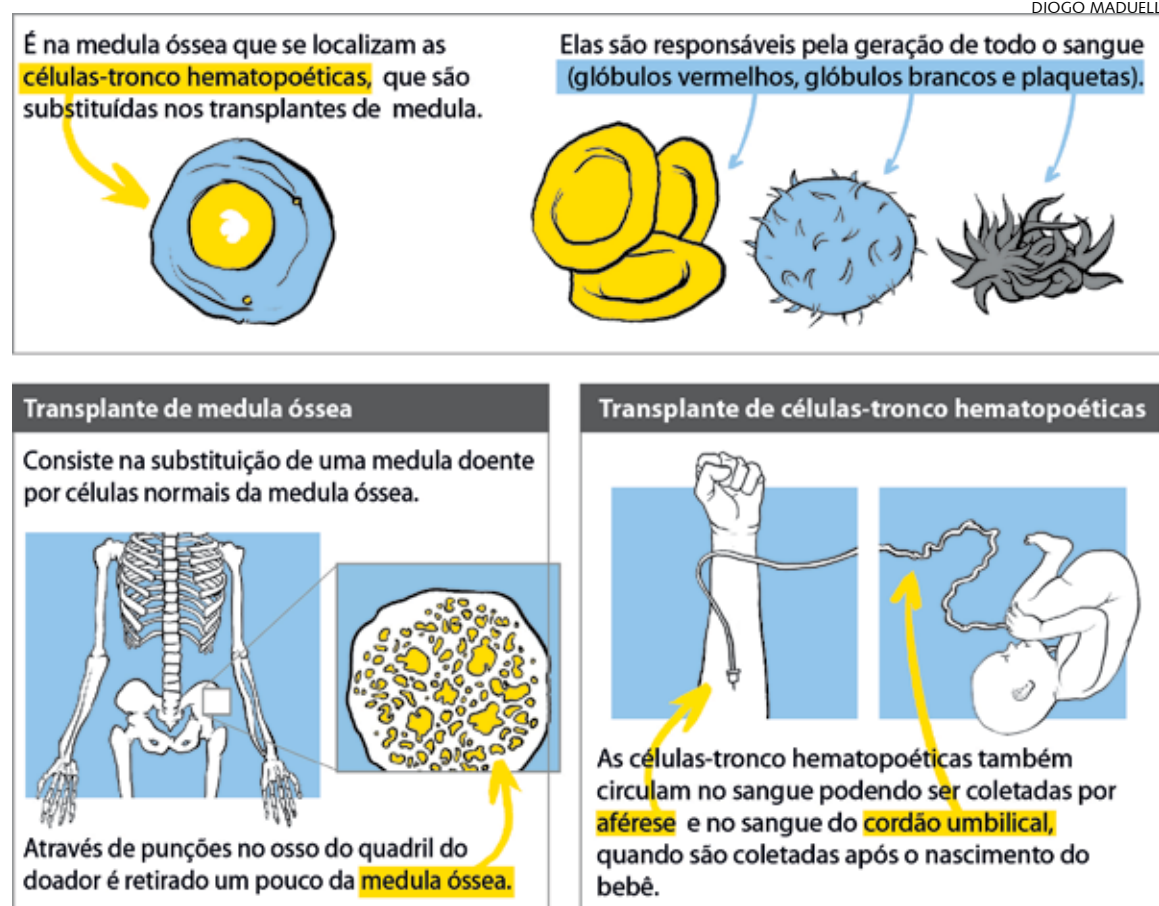
O avanço de doenças limita o tempo de vida de muitos pacientes e, em alguns casos, a rapidez no tratamento é decisiva. Segundo o Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (Redome), aproximadamente 850 pessoas aguardam um doador de medula óssea compatível no país. No Rio de Janeiro, atualmente, há 101 pessoas em busca de compatibilidade. Porém, a falta de recursos e de variedade no banco de doadores podem prejudicar quem está à espera de um transplante.

Segundo dados do Redome, em 2015, foram registrados no Rio de Janeiro mais de 15 mil novos cadastros para doação de medula óssea. Em 2016, esses números caíram para pou-

“
Eu descobri
que tinha
uma pessoa
dependendo
de mim
para viver
”
Renata Rezende

co mais de 6 mil e, até julho deste ano, apenas 1.037 novos doadores se cadastraram. O Rio tem cerca de 209 mil cadastros feitos no Redome. São Paulo, por exemplo, tem mais de 1 milhão.

Um dos fatores para a queda nos números é atribuído à crise econômica do Estado, com o encerramento das atividades de cadastro de doadores no Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti (Hemorio). Outra causa é o decreto da Portaria Federal Nº 2.132, do Ministério da Saúde. Em vigor desde 2013, ela definiu cotas para garantir a diversidade genética nos registros e dar uma maior oportunidade de identificação



de doadores compatíveis.

O transplante de medula óssea é uma forma de tratamento para algumas doenças que afetam as células do sangue, como as leucemias. O processo substitui uma medula óssea doente, ou deficitária, por células normais da medula óssea doada, com o objetivo de reconstituir uma nova medula saudável.

A médica Danielli Oliveira, do Redome, explica que o Instituto é o terceiro maior registro financiado por recursos públicos do mundo e atingiu o que se chama de estabilidade genética, isto é, variedade de gens. Mas, apesar disso, o instituto não consegue atender 100% da população. A médica esclarece que essa cota é uma

forma de realocação de recursos, antes destinados ao cadastro de novos doadores e, agora, para o transplante.

– Temos um registro bastante diversificado do ponto de vista genético, a entrada indiscriminada de doadores não acrescenta diversidade genética. Hospitais públicos têm dificuldade de financiamento e precisam de mais recursos para fazer transplantes, só que uma parte desse recurso estava comprometida com novos doadores.

Apesar de uma redução dos novos números, os antigos cadastros ainda permanecem nos registros. A secretária Renata Rezende, moradora do bairro Vila da Penha, na Zona Norte do Rio, se cadastrou no Re-

dome em 2008, durante uma campanha realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde trabalha. Ela foi contatada no fim de 2016 pela equipe e informada que havia um possível receptor compatível. Após alguns exames, foi confirmada a compatibilidade com um menino de cinco anos.

– Nesse momento, a ficha caiu. Eu descobri que tinha uma pessoa que dependia de mim para viver, e isso me deu mais ânimo, mais vontade de fazer a doação – afirma a secretária.

Renata fez o procedimento, assim que ele foi marcado. Ela foi anestesiada e recebeu várias punções no osso do quadril, onde um pouco da medula ós-

sea é aspirado. Danielli esclarece que isso não tem relação alguma com a coluna espinhal e não há riscos de o doador ficar paraplégico, como algumas pessoas acreditam. Sobre a recuperação, Renata afirma que foi rápida e simples, que voltou às atividades de rotina após o repouso por causa da anestesia. Ela disse que fará a doação novamente se for chamada e recomenda que mais pessoas façam.

– Eu estou pronta para outra! É uma coisa muito boa você poder ajudar, é uma forma de doar amor.

Uma outra modalidade de doação de medula é o método de SCUP, no qual o sangue umbilical e placentário é doado. Esse sangue é drenado e as células-tronco são separadas e podem permanecer armazenadas por vários anos no Banco de Sangue de Cordão Umbilical e Placentário para serem transplantadas. A estudante de Geografia da UFF Izadora Medina fez o procedimento com o cordão umbilical da filha Violeta e soube da possibilidade da doação por um amigo que faz parte da página do Facebook NeoMedula. O grupo foi criado com o objetivo de promover campanhas de conscientização sobre a importância da doação de medula óssea.

O estudante de Engenharia da PUC-Rio Pedro Caccavo é voluntário na página desde a criação dela em 2016. Ele conta que começou a se envolver com a causa em 2013, ao descobrir que o primo estava com leucemia, e se tornou doador de sangue e cadastrado no Redome.

– Muita gente morre em hospitais porque não encontrou doador. A doença não escolhe quem matar, mas cabe a nós decidirmos se vamos tentar ajudar – afirma o estudante.

Para se tornar doador de medula óssea no Rio de Janeiro é necessário ter entre 18 e 55 anos e fazer o cadastro no Instituto Nacional do Câncer, no Centro da cidade. Para quem já é doador, é estritamente necessário que mantenha os dados atualizados no site redome.inca.gov.br.

Ecologia: O estilo de vida e a organização produtiva podem ser afetados por uma possível extinção dos polinizadores

Desaparecimento das abelhas

Os insetos são essenciais para a regulação da vida humana e ambiental



CRISTIANO MENEZES

As abelhas são responsáveis não só pela produção de mel, própolis e cera, como também de 1/3 de todos os alimentos consumidos no mundo

KAREN KRIEGER

O físico Albert Einstein disse que, se as abelhas desaparecessem da face da Terra, a humanidade teria apenas mais quatro anos de existência. Ao fazer a declaração, o pai da Teoria da Relatividade alertava para uma possível extinção desses insetos. Mais de 50 anos depois da morte do cientista, foi registrado em 2006 o primeiro caso de desaparecimento de abelhas nos Estados Unidos. Um ano depois, pesquisadores de órgãos federais, universidades, representantes da indústria apícola e de produtores identificaram um conjunto de sintomas que caracterizava a síndrome conhecida como Distúrbio do Colapso das Colônias (DCC).

Os apicultores começaram a reparar que ocorria uma grande queda na população de abelhas operárias em colônias fortes sem que houvesse algum motivo específico. Entre as causas naturais, estão o parasita Nosema, o ácaro Varroa e os iflavírus DWV e IAPV – que

são contraídos depois da infecção pelo ácaro. Já as atitudes humanas como desmatamento, queimadas e o uso de agrotóxicos e fungicidas também afetam o ambiente. Engenheira florestal, a professora Jake-line Prata, do Departamento de Ciências Biológicas, aponta também o aquecimento global como causa desse distúrbio.

– A temperatura é essencial para o funcionamento da colmeia. As abelhas são organismos com grande sensibilidade ao aumento de temperatura. Qualquer variação pode comprometer as vias metabólicas e a sobrevivência dessas espécies.

Esse desaparecimento é preocupante para as comunidades científica e agrícola internacionais. Além de serem agentes da manutenção dos ecossistemas, as abelhas são responsáveis por 1/3 de todos os alimentos consumidos. Elas são normalmente associadas com a fabricação de mel, própolis e cera, mas também auxiliam na produção de outros alimentos. Café, maçãs, amêndoas e até algodão

são alguns dos produtos agrícolas que dependem da polinização da espécie.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas no Brasil, o valor econômico da polinização equivale a aproximadamente 30% do valor total dos produtos agrícolas. A pesquisadora da Embrapa Fábria de Mello Pereira enfatiza a importância desses insetos para a agricultura. Segundo ela, as abelhas são os principais agentes polinizadores e os mais eficientes.

– Elas são encarregadas da polinização de aproximadamente 73% das espécies cultivadas em todo o mundo. Além dos impactos ambientais, também a segurança e diversidade alimentar, a garantia da nutrição humana e os preços dos alimentos são estritamente relacionados à atuação desses agentes polinizadores.

No Brasil, não foram comprovados casos de DCC, porém isso não deixa as 3 mil espécies nacionais fora de perigo. Líder mundial na utilização de agro-

“
As abelhas são encarregadas da polinização de 73% das espécies cultivadas
”

Fábria de Mello Pereira

tóxicos, o país precisa se atualizar para que esse problema não chegue no território. Segundo o biólogo Cristiano Menezes, a diferença entre o DCC e o problema encontrado aqui é a incidência de intoxicação por produtos químicos.

– As pessoas acabam confundindo os dois. O que ocorre no Brasil é essa intoxicação das abelhas por agrotóxicos.

Nos últimos três anos, o debate sobre a importância das abelhas fez uma exposição sig-

nificativa do assunto. Iniciativas nacionais estão empenhadas em pesquisar o tema e conscientizar a população sobre o desaparecimento desses animais. A campanha Sem Abelhas Sem Alimento é um dos projetos que procuram divulgar informações científicas e analisar melhor a situação do Brasil.

Com o objetivo de incentivar o diálogo entre agricultores e apicultores, o Projeto Colmeia Viva é outra ação ativa em prol dessa causa. Ele é uma realização do setor defensivo que reconheceu a necessidade de um debate sobre a proteção das espécies. A iniciativa é especializada no treinamento de profissionais dos setores agrícola e apícola.

Criada em 2014, a Associação Brasileira de Estudo das Abelhas (A.B.E.L.H.A.) procura divulgar informação com base científica. O material produzido pela associação é distribuído amplamente para os setores agrícola e apícola. A diretora da A.B.E.L.H.A., Anna Assad, acredita que, para a maior parte da população, esses dados ainda são desconhecidos.

– Cada dia aparece mais informações sobre as abelhas tanto no Brasil quanto no mundo. Mas é preciso ampliar essa divulgação para a sociedade saber mais sobre esse material.

A conscientização dos setores alimentícios é de grande importância para que seja reavaliado o uso de produtos químicos em relação aos impactos das abelhas. Novos produtos são desenvolvidos de modo que eles sejam amigáveis para essas espécies. A preservação ambiental também é um fator de importância, pois, assim, as abelhas terão condições, como comida, por exemplo, para sua sobrevivência. Para Fábria, entretanto, a educação é a chave principal para reverter esse desaparecimento.

– Muitas ações podem ser realizadas em casa e exigem a mudança de hábitos diários da população, como redução do lixo, uso racional d'água, manter um jardim com plantas atrativas para polinizadores e até mesmo a manutenção de colmeias de abelhas-sem-ferrão em casa.

ISABELLA LACERDA



Exterior do Centro Acadêmico de Geografia

Desde os anos 1960, local é sinônimo de liberdade de expressão e coletividade

BELL MAGALHÃES

Poucos conhecem a história da Vila dos Diretórios, mas nem sempre ela foi do jeito que alunos e funcionários da PUC-Rio estão acostumados a viver durante o ano letivo. O conjunto de casas ganhou este nome no início dos anos 1960, cinco anos após a criação do campus na Gávea, quando ela começou a alojar setores, institutos e Diretórios Acadêmicos da Universidade. Nos anos 1970, os alunos romperam o paradigma de que aquele lugar abrigava apenas os Centros Acadêmicos. Implantaram a

rotina de atividades culturais como teatro, exposições de arte, música e poesia, e começaram a usar o espaço de uma forma extra acadêmica, principalmente durante a Ditadura Militar. Durante os anos 1980, essas práticas se tornaram cada vez mais intensas.

Hoje, a Vila é sinônimo de integração. Ela se tornou um verdadeiro caldeirão cultural que, a cada período, abriga uma nova leva de pessoas. Uma teia de significados que foi composta por diferentes memórias, referências e experiências de cada geração que andou pelo mesmo caminho de paralelepípedos.

ISABELLA LACERDA



Biblioteca comunitária do Cael, de Direito

MATHEUS AGUIAR



Grafite na parte externa do Centro Acadêmico de Artes & Design

MATHEUS AGUIAR



Alunos no interior do Centro Acadêmico de Relações Internacionais

ISABELLA LACERDA



Painel escrito por alunos de Comunicação, no CACOS



2012



2000

30 ANOS DE PAIXÃO POR PRATICAR

A PESQUISA COMO COMBUSTÃO DO CONHECIMENTO.
LAPIDANDO IDEIAS E PENSAMENTOS. ORIENTANDO O SENSO
CRÍTICO, O DISCURSO PRÓPRIO NUM CONSTANTE EXERCÍCIO
DA VIDA REAL.

SOMOS TODOS APRENDIZES.
PROFESSORES, ALUNOS E FUNCIONÁRIOS
APAIXONADOS PELO QUE FAZEM.

COMUNICAR **30** ANOS

PUC
RIO
VICE-REITORIA
COMUNITÁRIA